

A NOVA POESIA PORTUGUESA: ENTREVISTA A LUÍS QUINTAIS

THE NEW PORTUGUESE POETRY: INTERVIEW WITH LUÍS QUINTAIS

*Maísa Medeiros Pacheco de Andrade**

Marta Aparecida Garcia Gonçalves

Luís Quintais nasceu em Angola no ano de 1968, porém, ainda na infância, se mudou para Portugal. Antropólogo e professor da Universidade de Coimbra, Quintais também é reconhecido hoje como um eminente poeta, já tendo conquistado seu lugar de destaque no cenário da poesia contemporânea. Sua produção poética é relativamente grande, tendo escrito até então, onze livros de poemas. Em 1995, publicou o seu primeiro livro de poesias intitulado *A imprecisa melancolia*, que lhe rendeu o Prêmio Aula de Poesia de Barcelona. No ano de 1999, trouxe a público *Umbria*, pela extinta Pedra Formosa, e *Lamento*, pela editora Livros Cotovia. Por esta mesma editora, publicou, em 2001, o livro *Verso Antigo* e, em 2002, *Angst*. O livro *Duelo* foi publicado dois anos depois, ganhando dois prêmios importantes, o prêmio Luís Miguel Nava – Poesia 2005 e prêmio de poesia do Pen Clube português. Em 2006 e 2008, respectivamente, publica *Canto Onde* e *Mais espesso que a água* e, em 2010, Luís Quintais lança *Riscava a palavra dor no quadro negro*. No Brasil, foram publicadas duas antologias dedicadas aos seus poemas, uma lançada em 2008, pertencente à coleção *Portugal, 0*, da editora Oficina Raquel e outra, no ano de 2010, pela editora Sete Letras, intitulada de *Poesia revisitada (1995-2010)*. Além das edições em Língua Portuguesa, seus poemas também foram publicados em inglês, alemão, castelhano, francês e croata. No ano de 2013, o poeta volta a publicar, lançando pela Edições Tinta-da-China sua décima coletânea de poemas, *Depois da música*. No ano seguinte, pela editora Assírio & Alvim,

é publicado *O vidro*, livro que conquistou o Prémio Literário Fundação Inês de Castro 2014. Em 2015, Luís Quintais prepara-se para publicar *Arancar penas a um canto de cisne*, uma longa antologia comemorativa dos 20 anos de seu primeiro livro.

No campo da Antropologia, Luís Quintais publicou alguns ensaios em forma de livro, baseados em suas pesquisas acadêmicas voltadas às investigações de arquivo e de terreno sobre o exercício e as implicações públicas e forenses da psiquiatria: *As guerras coloniais portuguesas e a invenção da história: memória e trauma numa unidade psiquiátrica*, de 2000, livro publicado pela Edições do Instituto de Ciências Sociais, “um estudo sobre a desordem de *stress* pós-traumático e a política da memória quando se considera um contexto cultural muito específico: as guerras coloniais portuguesas e as experiências dos veteranos interpretadas e narradas em um hospital psiquiátrico”. Em *Franz Piechowski ou a Analítica do Arquivo: ensaio sobre o visível e o invisível na psiquiatria forense*, publicado em 2006, Quintais desenvolve um estudo de caso extraído da psiquiatria forense portuguesa, refletindo acerca de aspectos visíveis e invisíveis quando se produz um diagnóstico em psiquiatria. Este ensaio, conforme o próprio autor: “colhe ensinamentos em vários domínios que vão da história e filosofia da medicina à antropologia social”.

Atualmente, Quintais se dedica a estudos sobre cognição, biotecnologias e bio-arte, tendo publicado também alguns ensaios sobre tal temática, como é o caso de *Cultura e Cognição*, livro publicado em 2010, pela Editora *Angelus Novus*, em que realiza uma introdução para um problema que, segundo ele, é recorrente na história da Antropologia, criticando “algumas das mais ambiciosas proclamações cognitivistas” e buscando ponderar acerca de “algumas das fortes pretensões de pensar a cultura como um processo que depende de uma configuração do sistema mente/cérebro como um computador”.

Luís Quintais transita livremente entre o campo da antropologia e da poesia, afirmando, inclusive, que “meu percurso como antropólogo alimentou sempre a minha poesia. E certamente que o meu percurso como poeta ecoa também na antropologia que faço” (BOECHAT/QUINTAIS, 2008, p.244)¹.

Esta entrevista nos foi gentilmente concedida por correio eletrônico no mês de novembro de 2013.

Pergunta: – *Em toda a sua obra poética, é possível perceber um diálogo com textos de outros autores. Em seu livro *Duelo*, em específico, realiza a menção a poetas como Wallace Stevens, Ezra Pound, Nina Cassian, Nietzsche, Robert Lowell, William Faulkner, Rimbaud, dentre outros. Seria então o título deste livro também uma alusão a este “duelo” entre textos? Pode nos falar um pouco sobre essa questão? Seria um duelo ou um fluído dessas experiências de leitura que corre para o interior do poeta?*

Luís Quintais: - Sim. Muito mais um *duelo*, um combate, um *agon*. Aliás, a primeira coisa que reúne poemas meus chama-se *Agon*, o que é sintomático, e está cheio de referências explícitas ao trabalho dessa constelação sem a qual não haveria poesia minha, a haver poesia minha. Tudo o que faço é um combate (mortal) com a tradição. Ninguém foge a isso, e eu também não. Gostaria de ser digno desse combate. Mas gostaria também de acreditar que desse combate surgirá o invariável e a memória de que sou feito. Uma experiência sem tributo, sem homenagem, sem deferência, mas também sem confronto, que não será resgatada por ninguém, e que, paradoxalmente, se constitui como uma hipótese de resgate para aquilo que eu talvez seja. Um dia serei um poeta, é assim que começa o esforço em direcção a esse vazio significativo. Trata-se de uma crença, mas sem crença nada se faz.

Pergunta: - *Em diversos momentos em seus livros você faz menção ao Leste Europeu, exemplo dos poemas “Europa de Leste” e “Janja, Norte da Bósnia”, e a poetas daquela região, como Czeslaw Milosz e Nina Cassian. Qual a sua relação com esta parte do Continente, seus autores e suas ideias?*

Luís Quintais: Talvez seja daí que vêm os melhores. Ainda recentemente, em conversa com a minha mulher, ela dizia que WG Sebald defendia que todos os escritores revelam fragilidades, menos Kafka. Talvez. Mas a melhor parte dessa tradição está, para mim, nos poetas. E mais importante que Kafka ou Walser é o polaco Bruno Schulz, talvez o mais significativo escritor dessa pléiade. E há Herbert e Brodsky e Szymborska, claro. E como compromisso e resistência que exemplo maior senão o de Akhmatova? De resto, nunca estive na Europa Central nem na Europa de Leste. A Kakania de Musil, em particular, será um dos lugares de familiaridade e lamento para alguém como eu sempre tão inquietado com o legado Moderno.

Pergunta: - *É também manifesta a sua admiração por Wallace Stevens e a adoção do poema “The man with the blue guitar” como sendo o seu poema emblemático. Em quase todos os seus livros observamos que há pelo menos uma vez a menção às palavras blue ou azul, como exemplo, nos poemas “Blues para um gato azul” e “Blue”, presentes no livro Duelo, assim como “Assim o azul”, encontrado no livro Canto Onde e o poema [Abria a porta e a nítida imagem], do livro Verso Antigo. Poderíamos inferir então que a utilização de tais palavras seria uma forma de se remeter constantemente ao pensamento de Stevens?*

Luís Quintais: Sim, sem dúvida nenhuma. Wallace Stevens é a referência maior. Atravessa todos os livros, quase todos os poemas. Não sei se é diálogo. É seguramente eco, influência, exemplo. Não acredito na angústia da influência. Há um lado em mim que gostava de ser Wallace Stevens, como se ele personificasse esse outro em mim que se faz poema, lonjura e vestígio. Trata-se de música e pensamento. Aliás, para Stevens, mas também para mim, a poesia é a música da mente, isto é, a realidade da imaginação a que não nos podemos furtar porque é parte da nossa condição e da nossa tragédia.

Pergunta: - *Em Mais espesso que a água, você intitulava sete poemas com a palavra “Borges”. Podemos afirmar que se trata de Jorge Luis Borges? De que maneira Jorge Luis Borges e sua obra dialogam com a sua poesia?*

Luís Quintais: Havia um cão chamado Borges, mas o que é importante aí é Jorge Luis Borges. Ele é próximo de Stevens. De algum modo são ambos meta-poetas, poetas da poesia e da linguagem, algo que os alia de um modo profundíssimo, para lá de se tratar de universos que aparentemente não se cruzam. Em Borges, há ainda uma forma qualquer de sabedoria (enigmática, antiga) em que mesmo o infortúnio mais áspero – mesmo a cegueira – parece ser parte de um desenho sereno e perfeito, como a Rosa de Ariosto.

Pergunta: - *Neste mesmo livro, o poema “Metal e melancolia” poderia ser considerado uma alusão à questão do estudo das fontes e influências ou tem o intuito único de tratar da polissemia e da opacidade da linguagem?*

Luís Quintais: O poema alude a um episódio vivido. Fernando Assis Pacheco, um homem de uma erudição espantosa, não sabia de onde vinha esse verso que nos fala de «metal e melancolia». Procurou em todo o lado e não o encontrou. Terá morrido sem saber de onde vinha o verso. Eu, um dia, por mero acaso, tropeço nele. Sim, em Borges. Mas estranhamente não consegui voltar a encontrar o poema que nos diz «metal e melancolia» nas *Obras completas* do escritor argentino. Daí a analogia com o «livro de areia». Borges é o livro de areia, o lugar onde nada do que parece é. Tem a beleza de um deserto ou, talvez, de um jardim de caminhos que divergem, que se bifurcam. Assim, ambos os aspectos que refere na sua pergunta estão contidos no poema. É um poema sobre a fluidez das fontes e também um poema sobre a opacidade da linguagem e da vida. A minha existência parece ter fechado – parece, parece apenas – um dos caminhos incompletos que a de Assis Pacheco traçava.

Pergunta: - *Ainda com relação à questão da intertextualidade e da influência poética, há algum escritor brasileiro que você admire ou se identifique?*

Luís Quintais: Gosto muito de Drummond. Melancólico até ao osso, mas também irónico, como no comovente livro de despedida *Farewell* onde nos diz em «Aristocracia»: «O conde de Lautréamont / era tão conde quanto eu / que sendo o nobre Drummond / valho menos que um plebeu.» E lembrei-me de Maria Ângela Alvim. E lembrei-me de Ana Cristina César...

Pergunta: - *Em entrevista concedida à Deyse dos Santos Moreira, você afirmou que o que você escreve “tem muito a ver com uma reflexão sobre o papel e a natureza da linguagem e sobre a opacidade da linguagem, sobre a impossibilidade de ela em dizer o mundo e, nesse sentido, justamente, a impossibilidade de preencher o vazio, a ausência” (MOREIRA/*

QUINTAIS, 2012, p.207)². *Todavia, analisando a sua escritura literária, não poderíamos dizer que esta tem um papel fundamental no processo de enfrentamento do mundo moderno e na tomada de consciência do vazio existencial sentido pelo homem contemporâneo? Em outras palavras, a sua poesia não pode ser considerada como algo demoníaco, capaz de invadir a inocência do homem que se depara com este novo-velho mundo?*

Luís Quintais: A minha poesia é uma resposta da qual não se isenta o lamento, o sentido da perda. Não é apenas a impossibilidade adoniana da poesia após Auschwitz. É também o choro de Hölderlin à beira do Neckar perante o recuo dos deuses, o que obviamente precede a tão glosada observação de Adorno. Como viver num mundo onde a crença recua talvez inexoravelmente? Seja como for, há que assumir também uma hipótese qualquer de reversibilidade do tempo, algo que se encontra nos antípodas de uma parte considerável da poesia contemporânea. Há que ser singularmente a-moderno, como o foram, aliás, os grandes modernistas, fossem eles Pound ou Eliot, poetas que pretenderam contrariar a «dissociação da sensibilidade» com uma imersão profunda em Cavalcanti, Dante, ou Donne.

Pergunta: – *Você é antropólogo e nasceu em Angola. Dentre os seus escritos antropológicos encontramos “As guerras coloniais portuguesas e a invenção da história: memória e trauma numa unidade psiquiátrica”. A sua ligação com a Angola, ex-colônia portuguesa, e seus estudos antropológicos que envolvem as guerras coloniais portuguesas influenciaram de alguma forma no pessimismo e na negatividade presentes em sua poesia?*

Luís Quintais: Sim. Não é possível esquecer que eu nasci num país em guerra. Como é que é possível pôr pessoas no mundo num país em guerra? Essa negatividade nunca me abandonou. Mas de algum modo, a minha situação histórica relativamente distante é uma belíssima apóstrofe ou invocação da crença, isto é, da irracionalidade. E eu sou claramente um irracionalista, pesem embora todas as formas de racionalismo de que sou tributário também. Como diz Wallace Stevens, a poesia é uma manifestação do irracional. Ela é, se quisermos, uma afirmação da crença ou da suspensão da descrença. Tudo o resto é oficina ou técnica dentro da técnica. E basta ler alguns versos de Blake ou de Stevens para percebermos que o essencial não está do lado da oficina.

Pergunta: – *No livro Lamento nos deparamos com uma divisão de seções meio inusitada. A primeira é intitulada de “a” e seus poemas também recebem títulos com duas letras cada. Já na segunda seção, apesar de você intitulá-la de “b”, os poemas ali presentes contêm palavras ou frases como título. Na terceira seção, você repete o modelo da primeira, só que mudando o “a” para o “c”. Isto consiste em um recurso meramente estilístico ou tem alguma função na construção semântica da obra?*

Luís Quintais: Já foi há muito tempo. Hoje olho para aquilo e parece-me algo insólito. Sei que procurava estabelecer um padrão, uma ordem, através daqueles poemas. Essa foi sempre uma preocupação muito enfática ao longo do meu percurso. Como partir da circunstância e da contingência e chegar ao padrão. Como subscrever a intensidade de um momento de escrita e, ao mesmo tempo, desenhar uma organicidade que me conduzisse e que me fizesse constatar a possibilidade do sentido, da totalidade. Não creio que tenha chegado a nenhum resultado muito convincente, a não ser, talvez, em *Riscava a palavra dor no quadro negro*, que é de 2010. E claramente num dos últimos que escrevi, publicado em 2014, e que se intitula *O vidro*. Em suma, toda a poesia é poesia de circunstância. Mas o livro, essa equação a n dimensões, exige aquilo que atravessa a circunstância e que se prende com algo que escapa à estrita intensidade de cada poema quando o tomamos isoladamente.

Pergunta: – *Em Verso Antigo, você nos traz o poema “Fractal: Não o caos, mas um outro sistema de regras. /Aproximou-se da janela e contemplou/ o já acontecido. Apreciava/ a consumada materialidade do mundo,/ o que se lhe afeiçoara aos dedos, cílios/ de uma tristeza sem data. Sobre si/ derramava-se o infinito presente,/ o fogo que se encapelava na linha/ do horizonte. Ele, espectro/ que se tomara por um dos vivos,/ figura de éter, acertava a reminiscência/ de uma outra vida.”* (QUINTAIS, 2001, p. 43)³. *Em outras passagens de sua obra poética você volta a mencionar a palavra “caos”, exemplo disso é o poema “A górgona, outra vez”, presente no livro Canto Onde, que possui a seguinte passagem: “Hoje estive no café, bebi o café, e li.// Perguntar-me-ão que li eu?/ Uma monumental história das SS/ que ia alternando com páginas/ de um tratado sobre equações não lineares/ e o caos como esquema de um mundo/ onde perdemos todo o norte/ ou toda a lisura do norte.”* (QUINTAIS, 2006, p. 22)⁴. *Sabe-se que os fractais são elementos ligados à teoria do caos. Pode-se afirmar que tal teoria influencia a sua poesia no sentido de que ela reflete a fragmentação, a mutabilidade e a instabilidade do homem e do mundo moderno? Além disso, tal teoria pode estar vinculada à fragmentação da própria linguagem, diante da multiplicidade de sentidos e de interpretações permitidos por ela?*

Luís Quintais: Sim. Os fractais, enquanto auto-semelhanças, interessam-me muito. A ideia de que todas as conexões são parciais e instáveis, que o sentido é mercurial, é permanentemente convocada no que tenho vindo a escrever. A discussão há pouco sobre a circunstância dos poemas enquanto intensidades que não encontram nunca uma resolução na totalidade que o livro é, não poderá ser lida de outra forma.

Pergunta: – *E para finalizar, uma última questão sobre as aproximações entre a antropologia e a poesia. Você acredita que a literatura e outras formas de arte podem contribuir para melhorar a vida ou as pessoas? Por que você escreve?*

Luís Quintais: Tudo pode encontrar ligações insuspeitas, multiplicidades por descobrir. Antropologia e poesia, mas não só. A literatura é apenas uma província da poesia. Seja como for, enquanto instituição, ela é a afirmação de uma liberdade radical. Não nos esqueçamos que se trata do único lugar, a literatura, onde tudo pode ser dito. De certo modo, Sade é um exemplo maior do que pode representar essa instituição, do que pode ser o exercício, necessariamente ameaçado, de uma liberdade radical. Embora, como nos tenha dito o grande Drummond, «livre, bem livre, / é mesmo estar morto».

Recebido para publicação em 05/07/2015

Aprovado em 29/9/2015

NOTAS

*A primeira autora é licenciada em Letras português e Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, nessa mesma instituição, onde vem se dedicando aos estudos literários, em especial, à poesia portuguesa contemporânea. Também possui graduação e Mestrado em Direito pela UFRN. A segunda autora é Doutora em Estudos da Linguagem - Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na qual desenvolve pesquisas sobre a política da literatura e seus vínculos com a produção contemporânea em língua portuguesa na Literatura e no Cinema. Coordenadora do projeto de pesquisa intitulado “O universo composicional de Luís Quintais”.

1 QUINTAIS, Luís. “É a poesia linguagem, tão-só?” In: *Revista Metamorfoses*, nº 09, da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros/UFRJ, Rio de Janeiro, novembro de 2008. Entrevista concedida à Virgínia Boechat.

2 QUINTAIS, Luís. “O mundo já acabou, o que fazer agora?” In: *Abril*, Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 4, nº 8, Abril de 2012. Entrevista concedida à Deyse dos Santos Moreira. Disponível em: <http://www.uff.br/revista-abril/revista-08/013_Deyse%20dos%20Santos%20Moreira.pdf>. Acesso em: 27 de maio de 2013.

3 _____. *Verso Antigo*. Lisboa: Lisbon/Livros Cotovia, 2001.

4 _____. *Canto Onde*. Lisboa: Lisbon/Livros Cotovia, 2006.